

“Nossa professor!...”: a voz de personagens que ecoa em diários reflexivos de um docente em formação

Tatiana Fernandes Sant’ana
Universidade Estadual da Paraíba
tatianasanta@gmail.com

Geisiane Nunes de Melo
Universidade Federal da Paraíba (PROLING)
geisiane2008@gmail.com

Resumo

Na iniciação à docência, uma forma de o professor refletir sobre seu trabalho é através de gêneros autobiográficos, como o diário reflexivo, por revelarem posicionamentos, posições sociais e identidades, permitindo o docente ser ouvido (REICHMANN, 2009). Em produções deste tipo, destacam-se mecanismos enunciativos, como as vozes – de narrador, de personagem e social - (BAKHTIN [1992] 2010; BRONCKART, [1999]2009), que circundam o discurso do professor e permitem o leitor perceber as influências presentes nas ações profissionais do autor. Ancorado na Linguística Aplicada (CAVALCANTE; MOITA LOPES, 1991; MOITA LOPES, 2006), em especial, no construto teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, [1999]2009), este estudo apresenta como objetivo: identificar as vozes de personagens que perpassam no discurso de um docente em sala de aula, investigando a influência destas vozes na prática de ensino de Língua Portuguesa, na educação básica. Esta pesquisa, de natureza qualitativo-interpretativa (ERICKSON, 1989), após analisar dois diários reflexivos, chegou aos seguintes resultados: as vozes de personagens se revelam quando o professor recorre a cenas do seu trabalho para ter o reconhecimento de seus alunos, para retomar alguma prática que até então não era a produtiva ou mesmo para relatar problemas relacionados às prescrições escolares, numa tentativa de reconstruir sua ação docente.

Palavras-chave: Interacionismo sociodiscursivo. Diário reflexivo. Voz de personagens.

Abstract

In the initiation to teaching, one way for a teacher to reflect on his work is through autobiographical genres such as the reflective diary, for they reveal attitudes, social positions and identities, allowing the teacher to be heard (REICHMANN, 2009). In those kinds of productions, there are highlights on declarative mechanisms as the – narrator’s, character’s and social – voices (BAKHTIN [1992]2010; BRONCKART, 1999), that encircle the narrator’s speech and allow the reader to realise the present influences in the author’s professional actions. Based on Applied Linguistics (CAVALCANTE; MOITA LOPES, 1991), especially in the theoretical construct of Socio-Discursive Interactionism (BRONCKART, [1999]2009), this study presents as objectives: to identify characters’ voices that are in teacher’s speech in the classroom, and to investigate the influence of these voices on a Portuguese Language teacher, in basic education. This qualitative-interpretative research, (ERICKSON, 1989), after analysing two out of ten reflective diaries, reached the following results: characters’ voices are revealed when a teacher appeals to scenes of his work in order to (a) have his students’ recognition; (b) return to some practice that until the moment was not produced; or (c) report problems related to the school prescriptions, in an attempt of rebuilding his educational action.

Keywords: Socio-Discursive interactionism. Reflective diary. Character’s voice.

1 Introdução

Uma questão que vem ganhando destaque nos projetos políticos pedagógicos e institucionais é a atuação do professor. Com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a Formação Continuada (BRASIL, 2015), observa-se que os cursos de licenciaturas das instituições tentam estimular esta discussão com a oferta de disciplinas como Prática Pedagógica e Estágio Supervisionado a partir da metade do curso.

Porém, para o professor, independe de estar em formação inicial ou continuada, ao adentrar em uma sala de aula, traz impregnado em seu discurso diferentes vozes que se organizam em padrões de produção e reprodução, posturas ou ideias de uma entidade social, de um autor empírico ou até de um personagem

(BRONCKART, [1999]2009).

Neste cenário, eis que surgem as seguintes questões de pesquisa: Quais os personagens que se revelam nos diários de um professor egresso na iniciação à docência?; Como estas vozes influenciam em suas práticas de ensino? Para responder a estas perguntas, julga-se como relevante: identificar as vozes de personagens que perpassam neste discurso, através de dois diários coletados, no primeiro semestre de 2013.

Este estudo se centrará especificamente na voz de personagens que se revela em diários reflexivos de aula, escritos por um professor recém-formado no curso de Letras-Língua Portuguesa, ao discorrer sobre sua experiência desenvolvida em torno de um projeto escolar, que tinha como proposta estimular a leitura e produção de contos, em uma turma de 1º ano de Ensino Médio.

2 O papel das vozes na formação social

A língua consiste em uma atividade social, histórica e cognitiva (BAKHTIN, [1992]; 2010), que privilegia aspectos funcionais e interativos, não puramente linguísticos. Ao considerar que toda e qualquer sociedade se expressa através da língua, tendo como suporte de interação os textos, escritos ou orais, é importante ressaltar que esses textos, na verdade, são a organização coletiva de vozes, que se constituem o foco deste trabalho.

Além disso, para Bakhtin (1992), todas as esferas da atividade humana estão indiscutivelmente ligadas à utilização da língua, que se realiza por meio de enunciados orais e escritos, os quais refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, tanto por seu conteúdo, como, principalmente, por sua construção composicional.

Segundo Faraco (2009), a partir da perspectiva dialógica de Bakhtin ([1992] 2010), afirma-se que o que se chama de língua não é apenas um conjunto de variedades, temporais e sociais, e sim, um conjunto indefinido de vozes sociais. Faraco (2009), ao desenvolver a noção de enunciado, leva em consideração o caráter cultural, situado em um determinado contexto.

Ainda segundo Faraco (2009), o que interessa mais a Bakhtin

“Nossa professor!...”: a voz de personagens...

([1992]2010) é a dialogização das vozes sociais, ou seja, o encontro sociocultural dessas com a dinâmica que elas estabelecem, uma vez que se cruzam continuamente, formando novas vozes.

Assim, os estudiosos do Círculo de Bakhtin veem as vozes sociais como impregnadas em uma cadeia de responsividade, ou seja, os enunciados não só respondem ao que já foi dito, como também provocam diversas respostas, salienta Pereira (2011).

Machado (2005) defende texto como “toda unidade de produção verbal, oral ou escrita, contextualizada, que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência no seu destinatário” (p.241). A partir dos estudos de Schneuwly sobre ação de professor e de Bronckart com a morfogêneses das ações, o termo texto desaparece, dando espaço para a ação. Estes teóricos buscam mostrar que a condição de produção deveria corresponder aos diferentes tipos de textos ou gêneros de textos.

Os gêneros de textos são elementos explicativos da ação de linguagem. Segundo Machado (2005), Bronckart afirma que os conhecimentos são construídos sobre gêneros e estão sempre relacionados com as situações sociais. Assim, o modelo que é proposto pelo ISD não é um modelo de análise de gênero, mas de textos, logo, o ensino dos gêneros de textos não é privilegiado, mas sim, as ações verbais e não-verbais.

O ISD filia-se à Psicologia da Linguagem no quadro epistemológico das Ciências Humanas/Sociais, chamado Interacionismo Social. Porém, ao contrário da Psicologia da Linguagem tradicional, o Interacionismo Sociodiscursivo considera a linguagem como instrumento fundador e organizador do funcionamento humano.

Assim, o ISD se pretende uma teoria global do funcionamento psicológico, que toma como unidades de análise a linguagem, o agir e o pensamento consciente. O interacionismo social, ao qual o ISD se filia, não negligencia as dimensões biológicas/cognitivas do desenvolvimento humano, mas as toma a partir da continuidade da evolução da espécie, enquanto processo em que está implicada a história das interações humanas.

Inscrito no campo das ciências do texto, o ISD visa mostrar como os mecanismos de produção e interpretação, das entidades

verbais contribuem para a transformação permanente das pessoas/agentes e, ao mesmo tempo, dos fatos sociais. Com isso, ao analisar a organização interna de um texto para além das suas indicações intuitivas, adquiridas através da leitura, Bronckart ([1999]2009), com a instauração do construto teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), afirma que tal análise deve se basear nas hipóteses, nos conceitos e nos métodos elaborados pela ciência da linguagem, comparando as diversas modalidades de textos.

Ao partir da concepção dialógica bakhtiniana, Bronckart ([1999]2009) apresenta a articulação do seu próprio conceito sobre o texto, organizado em três níveis superpostos e em parte interativos, denominados de “folheto textual”, constituído de três camadas superpostas, infraestrutura textual, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos.

Ao falar da infraestrutura textual, o autor ([1999]2009) ressalta que esta é constituída pelo plano mais geral do texto, devido aos tipos de discursos que carrega, as modalidades de articulação e as sequências que nele aparecem. Esse plano geral refere-se à forma como se organiza o conjunto de conteúdos temáticos e está visível no processo de leitura.

Já os mecanismos de textualização contribuem para tornar visível a estrutura e o conteúdo temático, pressupondo a organização mais profunda. Tais mecanismos contribuem para o estabelecimento da coerência textual, articulados à linearidade do texto, bem como as suas articulações hierárquicas, lógicas e temporais.

E os mecanismos enunciativos são poucos dependentes desta linearidade, podem ser classificados como pertencentes ao nível “superficial”, pois estão relacionados à interação entre o agente-produtor e seu destinatário. Estes mecanismos contribuem para a coerência pragmática (interativa) do texto e para o esclarecimento dos “posicionamentos enunciativos”, incluindo, aí, modalização e vozes.

A problemática da voz, em especial, é colocada para todo tipo de discurso, uma vez que ela se torna a entidade responsável pelo que é enunciado (BRONCKART, [1999]2009). Na maioria das vezes, é a instância geral de enunciação que assume a responsabilidade do dizer, o que por em cena uma ou mais vozes consideradas como *infra-ordenadas* em relação ao narrador ou expositor.

Assim, Bronckart ([1999]2009) organiza as vozes em três

“Nossa professor!...”: a voz de personagens...

típos:

- A) a *do autor empírico*: Reporta-se à voz da pessoa que está na origem do dizer, que comenta, avalia e intervém no que está no enunciado. O autor ([1999]2009) reforça que em textos autobiográficos, a voz do autor empírico é fundamental, não apenas para comentar ou avaliar o que é enunciado, mas para atuar também como personagem;
- B) a *de personagem*: Refere-se à voz humanizada, de pessoas ou entidades, na função de agentes, expressas nas ações e nos acontecimentos do conteúdo temático. É concludente de seres humanos, em cenas narrativas, pode aparecer através de heróis em cena ou de interlocutores num discurso dialogado, e
- C) a *social*: Estabelece relação com a voz de pessoas, grupos ou instituições, mas não é considerada agente, podendo ser representada por formas pronominais, sintagmas ou trechos.

Para Bronckart ([1999]2009), estas diferentes vozes podem se expressar de modo direto ou indireto, podendo distinguir uma polifonia explícita, implícita, ou mesmo ambas coexistindo. As vozes diretas estão presentes nos discursos interativos dialogados, com turnos de fala, sempre explícitas, enquanto que as indiretas podem aparecer em qualquer tipo de discurso, quer sejam inferidas ou explicitadas por fórmulas (tais como segundo x, de acordo com x, etc).

Dessa forma, este estudo se baseará, principalmente, nas ideias de Bronckart ([1999]2009) sobre o que ele apresenta sobre vozes e o papel destas em diários reflexivos.

3 O percurso em busca dos diários reflexivos de um professor

Dentre as várias pesquisas qualitativas existentes em Linguística Aplicada, destaca-se a *qualitativo-interpretativa*. Erickson (1989), um dos pioneiros a abordar o método qualitativo no ensino, volta-se a algumas explicações para justificar o alto índice de fracasso escolar nas comunidades desenvolvidas, quais sejam, o individualismo do aluno e do professor; o meio social em que vivem, com suas diferenças culturais e econômicas; e a uma fase intermediária entre as

duas anteriores, que tende a considerar o ensino como particular, cada aula deve ser vista como única.

Quanto ao caráter interpretativo, este mesmo autor (1989) sugere algumas alternativas à pesquisa, como: analisar os riscos de observar uma aula específica; criar condições para que alunos e professores cresçam juntos; analisar como os sistemas sociais são influenciados por fatores externos como raça, sexo, etnia; e associar esses itens ao rendimento escolar do aluno e à prática docente.

Acerca disso, os estudos mais atuais, como o de Moita Lopes (2006), defendem o caráter híbrido da Linguística Aplicada, assim como o “suleamento das vozes”, a valorização do sujeito, o caso desse estudo, do professor, ainda não considerado, corporificado, reinventado e emancipado socialmente. Logo, a dificuldade em fazer pesquisa no ensino de línguas no Brasil ocorre porque a sala de aula é vista como um local em que muito se dá aula e pouco se questiona sobre a prática escolar.

Mas uma forma de ampliar isso é através de pesquisas como essa, que se configura num *estudo de caso*. Segundo Diehl (2004), o caso se caracteriza por ser um estudo detalhado e intenso de um ou mais objetos, permitindo assim ao pesquisador conhecer amplamente o objeto estudado. De acordo com esse autor (2004), há algumas vantagens nisso, como o estímulo a novas descobertas, o destaque na totalidade e a simplicidade dos procedimentos.

No presente estudo, o caso foi desenvolvido com um professor, graduado em 2010, no curso de Letras – Língua Portuguesa, na Universidade Estadual da Paraíba/Campus VI. Em 2013, ingressou num curso de Especialização em Linguística e Literatura, também oferecido por esta mesma instituição. Desde que se formou, com idade de 26 anos, começou a exercer o cargo de professor de Língua Portuguesa, em uma escola pública, em sua cidade natal.

O que facilitou a aceitação por parte do colaborador para participar desta pesquisa foi que uma das autoras deste artigo, além de ministrar aulas na mesma escola em que o docente, também fazia a mesma especialização. Ao tomar conhecimento da proposta – realizar um estudo reflexivo sobre suas falas e indagações, mas sem determinar a escolha do gênero que registraria suas ações –, o professor logo acatou a ideia e optou por elaborar diários reflexivos, acerca de um projeto que estava desenvolvendo na escola.

“Nossa professor!...”: a voz de personagens...

O professor ministrava aulas quinzenalmente, num turno oposto ao que os alunos normalmente frequentavam, com uma carga horária de 50 (cinquenta) minutos por semana. A ideia do projeto como um todo era realizar sequência didática, com etapas de leitura, interpretação e produção de *contos*, a serem organizados e publicados posteriormente por uma editora universitária, em formato de livro. Essa proposta foi facilitada em face de a escola estar vinculada ao ensino inovador integral, permitindo uma extensão do conteúdo, tendo em vista que o professor detectou que uma das principais dificuldades reveladas pelos alunos em relação à Língua Portuguesa era ler e produzir textos voltados a um contexto social.

Assim, ao término de cada encontro, relatava a sua experiência por escrito e enviava às pesquisadoras. Foram coletados no total cinco diários, mas, para efeito deste estudo, serão considerados apenas dois, referentes à segunda e à quinta aulas do projeto, realizadas em maio e em junho de 2013, em uma turma de 1º ano de Ensino Médio, de uma escola pública da cidade do cariri paraibano. No contexto de formação de professor de línguas, há uma adesão cada vez maior às escritas em diários. Esta ferramenta possibilita não só o desenvolvimento da reflexão crítica do professor, como também uma prática de letramento docente que pode levar à autopercepção e à reconstrução de sua identidade (REICHMANN, 2009).

4 As vozes de personagens que revelam a ação docente

No intuito de observar como as vozes estão impregnadas no discurso que o professor retrata sobre sua sala de aula, influenciando e contribuindo para o desenvolvimento eficaz do ensino, é preciso registrar que: inicialmente, foi feita a leitura inicial do *corpus*, a fim de entender seu conteúdo temático e, em seguida, buscou-se identificar as diferentes instâncias das vozes presentes no discurso do professor e as responsabilidades que estas assumem quando expressas.

A análise ocorre com a identificação da voz de personagens, voltada a seres humanos, implicados enquanto agentes nos acontecimentos que constituem o conteúdo temático de um segmento de texto. Estas vozes que aparecem nos dois diários selecionados foram divididas em dois grupos, protagonistas e

coadjuvantes, e reportam-se aos momentos narrados pelo professor acerca de sua sala de aula, conforme apresentado a seguir.

4.1 Protagonistas:

Foram identificadas duas vozes de protagonistas nos diários em análise, alunos e professor. A escolha por colocar os discentes como personagens foi bastante recorrente, como consta na situação sinalizada a seguir, quando uma aluna atua como protagonista ao promover uma zona de conflito, não entre ela e o professor, mas entre a existência de projetos e a (não)aprendizagem do alunado, como retratado em:

Vários dos alunos que estavam no primeiro encontro já não estiveram presentes neste, *uma das alunas afirmou que duas de suas colegas haviam desistido*, então perguntei “Mas, o que aconteceu? O que as levou a desistir?”. *Ela respondeu: “Ah professor, esta escola trabalha estes projetos todo ano e a gente não aprende nada é só para ganhar prêmios!”* (Diário 01)

Neste trecho, o professor tenta explicar a não permanência de alguns alunos no andamento do projeto, através da fala de uma discente: *a escola trabalha estes projetos todo ano e a gente não aprende nada é só para ganhar prêmios!*. Ao optar pelo discurso direto, o colaborador aponta, na voz da aluna como personagem, dois motivos que justificam a ausência dos aprendizes na continuidade da discussão: um, os alunos não aprendem nada e, dois, esse tipo de proposta volta-se às prescrições escolares, como atribuir notas e *premiar* os alunos pela atividade realizada.

A partir deste segundo motivo, pode-se perceber, de forma implícita, uma forte voz social que assola a educação hoje em dia: não é apenas a metodologia que determina a melhoria no aprendizado, mas atividades bem planejadas, amplo conhecimento do professor e condições favoráveis ao ensino. Nesta direção, o projeto político pedagógico escolar se torna uma fonte que rege o ensino, podendo, inclusive, inserir alunos e professor no âmbito da pesquisa.

Neste excerto também se reconhece, a partir do discurso

“Nossa professor!...”: a voz de personagens...

indireto, justificativas que atestam a ausência de alguns discentes no segundo encontro do projeto, no momento que *uma das alunas afirmou que duas de suas colegas haviam desistido*. Com esta escolha, o professor sai um pouco de cena e se evidenciam as ações dos discentes.

Em outro momento, mas ainda em relação ao mesmo fragmento do diário 01 destacado, pode ser constatado que, intercalada à voz da aluna, está também a do professor como personagem, que não pode ser desconsiderado, tendo em vista que também é o interlocutor da interação.

Estas vozes de personagens aparecem no segmento do discurso registradas pelos pronomes da 1ª e 3ª pessoas. A voz da aluna, apesar de estar marcada pelo discurso direto, engloba a opinião coletiva, ao se referir a todos da turma com um *a gente*, representando um *nós*, optando por um discurso coletivo. E mesmo sem ter usado o pronome pessoal *eu*, para não se responsabilizar pela crítica feita, atesta ao *ela*, escola, essa responsabilidade.

Essa multiplicidade de vozes presentes encaixa-se com o que alguns autores chamam de polifonia. Considerando as expressões diretas e indiretas, pode-se distinguir uma polifonia explícita e outra implícita ou mesmo coexistirem. Estas marcas linguísticas, expressas de maneira implícita ou explicitamente, são identificadas por formas pronominais, sintagmas ou frases, permitindo inferir que parece ser um procedimento do colaborador justificar o interesse ou não do alunado pelo projeto trabalhado e, com isso, a avaliação de sua prática não ficar restrita a sua opinião.

No recorte do diário 02, a seguir, o registro da voz da personagem aluna também é feito no discurso direto, como observado em:

Uma das alunas ao final do encontro chegou para mim e disse: *“Nossa professor! Como a aula fica interessante e prazerosa quando o senhor se veste assim, viajei no tempo lhe ouvindo”*, a partir disto conclui que o meu objetivo tinha sido realmente cumprido (Diário 02)

Ao registrar *“Nossa professor! Como a aula fica interessante e prazerosa quando o senhor se veste assim, viajei no tempo lhe ouvindo”*, na verdade, o colaborador tenta reproduzir, no discurso

direto, o comentário positivo feito por uma aluna acerca da sua metodologia adotada.

Neste trecho, o professor consegue perceber o interesse da turma e o desejo de que as ações do projeto realmente aconteçam. A voz da aluna ao fazer uso da interjeição já sinaliza para algo positivo na ação docente desenvolvida, tendo em vista que o professor vestiu-se com uma farda militar, aguçando o interesse e a curiosidade dos aprendizes acerca da temática abordada (A personagem), fazendo com que eles *viajassem no tempo*.

Isso revela a satisfação da discente no final da aula e o registro pelo professor destas falas em seu diário, o que sugere quanto é importante para ele a satisfação de seus discentes. Essa afirmação deixa clara uma reação no professor de contentamento, mostrando como as vozes dos alunos podem influenciar na reação do professor em sala de aula.

Apesar de os trechos por ora selecionados remeterem à satisfação do alunado pela condução das aulas feita pelo professor é preciso notificar que o docente teve várias dificuldades na execução deste projeto, como a ausência constante de alunos nas aulas, os encontros ocorrerem em um turno oposto a que estudo e a não autorização dos pais para participarem efetivamente do projeto, como consta no diário 01.

Deste modo, pelo que foi analisado, pode-se perceber que as vozes dos alunos como protagonistas aparecem de forma mais evidente quando o professor os coloca em alguma situação, seja ela de conflito ou de aceitação, entre os próprios aprendizes ou entre eles e o docente.

4.2 Coadjuvantes:

Além dos alunos, mesmo que de forma sutil, pode ser observada a presença da voz de personagens coadjuvantes, representada por outros profissionais da escola, como a diretora e seu filho, expressa no trecho que segue:

Tivemos a participação da diretora Rejane Carvalho, e seu filho Wellington, filha e neto do poeta Reginaldo de Carvalho (Reginaldo das Capoeiras), que, sendo este um excelente contador de histórias, transmitiu algumas das suas

“Nossa professor!...”: a voz de personagens...

hilárias histórias a seus descendentes, dentre eles *Rejane, que nos contou alguns desses “causos e anedotas”, conforme disse ela. (Dário 02)*

Geralmente, nos dois tipos de voz de personagens destacados, protagonistas e coadjuvantes, eles são melhor representados por meio do discurso direto, seja por citações entre aspas ou pela dialogização interna, em que o dizer do outro pode ou não estar marcado no texto como deveria.

Porém, no fragmento acima, praticamente não há registros de falas explícitas dos coadjuvantes, exceto pela expressão *causos e anedotas*, quando o colaborador se reporta a um dos personagens e reproduz fielmente o que este proferiu, inclusive entre aspas. Mas, predominantemente, o professor ao registrar a voz de novos personagens na aula, faz uso do discurso indireto, como ao identificar *a participação da diretora Rejane Carvalho, e seu filho Wellington*¹.

Com este fragmento, pode-se afirmar que língua não se volta a um conjunto de variedades temporais ou sociais previamente definidas. O aspecto cultural, centrado em um determinado contexto, também está evidenciado quando o autor do diário ressalta que os dois personagens são respectivamente *filha e neto do poeta Reginaldo de Carvalho (Reginaldo das Capoeiras), que, sendo este um excelente contador de histórias.*

A atitude por parte do colaborador de mencionar a presença de duas pessoas externas ao projeto talvez tenha relação não só por este reconhecer a importância de se valorizar outras vozes em seu discurso, como também, por dinamizar as discussões sobre a temática explorada, atitude, aliás, que deveria ser mais utilizada em sala de aula.

No diário 05, identifica-se mais dois personagens coadjuvantes, dessa vez a vice-diretora e uma professora de Biologia, conforme observado abaixo:

O tema do encontro era “A personagem”. Indo ao encontro com uma farda militar, pude causar grande curiosidade nos alunos, os quais prestaram atenção a cada palavra que falei. Cada ponto, cada aspecto e/ou característica acerca da

¹ Nomes fictícios.

personagem foi ouvido atenciosamente, inclusive pelas *duas visitas que tivemos (a Vice-diretora; e uma professora de Biologia), que pediram para assistir a aula, avisando que seria uma ação a ser colocada no P.P.P (Projeto Político Pedagógico) da escola.* (Diário 2)

Nota-se nesse fragmento a voz predominante do autor empírico professor dirigindo-se a outros dois personagens que decidiram assistir à aula, (*a Vice-diretora; e uma professora de Biologia*), até então sem voz. Contudo, o colaborador julga importante ressaltar que foram eles *que pediram para assistir a aula*, infra-ordenando seu discurso.

Sendo assim, estes novos personagens validam não só a importância do trabalho do professor, como executor do projeto, ao salientarem *que seria uma ação a ser colocada no P.P.P (Projeto Político Pedagógico) da escola*, como também priorizam a sua relevância, por reconhecerem a necessidade de compartilhar esta prática docente com outros profissionais da instituição.

Faz-se mister destacar que, ao tentar associar a temática do projeto (leitura e produção de contos) à sequência de ações (a diretora contou causos populares e o professor se vestiu com uma farda militar), o colaborador pode ter causado um certo estranhamento no leitor do diário quanto ao planejamento da proposta. Todavia, vale lembrar que as duas produções em análise não se reportam à descrição de aulas sequenciais, e sim, à segunda e à terceira aulas do projeto, cujas referidas ações docentes constituem em uma organização coletiva de vozes que se cruzam naturalmente.

5 Considerações finais

Em linhas gerais, este estudo buscou ressaltar como o trabalho docente é influenciado por vozes de personagens. Estas foram identificadas em dois diários reflexivos, escritos por um professor de Língua Portuguesa, ao relatar os primeiros passos da realização de um projeto.

Os diários, em linhas gerais, descrevem as ações realizadas, desenvolvidas e vivenciadas durante o desenvolvimento do projeto,

“Nossa professor!...”: a voz de personagens...

porém com poucas reflexões acerca da postura do professor. O colaborador, apesar de denunciar realidades bem concretas do ensino na escola pública em outros diários, nos selecionados para análise, neste estudo, percebe-se que seu enfoque foi mais direcionado ao interesse ou não dos discentes em participar do projeto ou mesmo sua satisfação em assumir uma outra posição social, vestindo-se de militar, para tornar a discussão da temática mais próxima à realidade dos alunos.

De posse dos diários, foi possível diagnosticar o conteúdo temático trabalhado pelo professor em cada encontro e, a partir disso, identificar as diferentes instâncias das vozes presentes em seu discurso e as influências que estas revelam quando expressas. As vozes de personagens surgiram no discurso do professor, classificadas como de protagonistas e de coadjuvantes. No primeiro caso, elas apareceram quando o profissional recorreu aos alunos para reconhecer seu trabalho em sala de aula, estabelecendo um conflito entre as práticas atuais, adotadas por este professor, com anteriores, vivenciadas pelos alunos com outros docentes.

Além desses personagens, o autor do diário também direcionou sua atenção quase que unanimemente a outros profissionais da escola. Estas participações surgiram nos diários reflexivos, não só para avaliar a postura docente, como também para revelar uma satisfação, tanto da diretora, como da professora de biologia, acerca do trabalho realizado.

Porém, não se pode esquecer que, mesmo o autor dos diários, visto também como colaborador, trouxe vozes de outros personagens para seu discurso, não deixou de ser protagonista principal na organização do texto, pois é ele quem deu, a todo instante, todo o caráter definitivo do texto, a escolha do conteúdo temático etc.

Espera-se, portanto, que esta pesquisa tenha contribuído para mostrar como o discurso presente na voz do professor incorpora, não apenas a sua voz, mas também as de outros que participam, contribuindo para o desenvolvimento da sua prática.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1992]2010.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em Nível Superior e para a formação continuada. Resolução CNE/CP 2/2015, de 1 de julho de 2015. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2 de julho de 2015. Seção 1, p. 8-12.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, texto e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, [1999]2009.

BRONCKART, Jean-Paul. In: MACHADO, Anna Rachel, MATENCIO, M.L.M. (Orgs.). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p.121-160.

CAVALCANTE, Marília C.; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Implementação de pesquisa na sala de aula de língua no contexto brasileiro. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 1, n. 7, p. 133-142, 1994.

DIEHL, Astor Antônio. Metodologia, método e técnicas de pesquisa. In.:_____ *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004. p. 47-48.

Erickson, Frederic. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In Wittrok, M. (Ed.). *La investigación de la enseñanza II: métodos cualitativos de observación*. Barcelona: Paidós MEC, 1989. p. 203-47.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MACHADO, Anna Rachel. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros, teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a

“Nossa professor!...”: a voz de personagens...

pesquisa. In.: _____ (Org.). *Por uma linguística indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.

REICHMANN, Carla L. *Ensinar, escrever, refazer(-se)*: um olhar sobre narrativas sobre narrativas docentes e identidades. In.: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 69-89.

Anexo 01 – Diário de aula do professor: 24 de maio de 2013

Devido uma série impressionante de imprevistos, feriados, paralizações, eventos e todo tipo de contratempo, ficamos mais de 2 meses sem conseguir nos encontrarmos. Isso prejudicou imensamente nosso projeto. Vários dos alunos que estavam no primeiro encontro já não estiveram presentes neste, uma das alunas afirmou que duas de suas colegas haviam desistido, então perguntei “Mas, o que aconteceu? O que as levou a desistir?”. Ela respondeu: “Ah professor, esta escola trabalha estes projetos todo ano e a gente não aprende nada é só para ganhar prêmios!”. Achei que aquela afirmação derivava de um resquício de projetos anteriores mal elaborados e sem propósito educativos, ou até mesmo da participação de alunos que não se interessavam pelos temas que foram propostos nestes possíveis projetos e que não deveriam ser comparados com a proposta de trabalho por ele sugerida naquele momento. Além disso, associei a desistência de alguns por estarem agora envolvidos em outro(s) projeto(s), seja por desinteresse, ou até mesmo por não terem permissão dos pais, como alguns afirmam. Mesmo assim, alguns voltaram e trouxeram outros alunos para participarem do encontro.

O tema do encontro era “Estórias de Trancoso”. Lemos e discutimos alguns pontos interessantes como: contos e histórias populares, características das narrativas orais, história e cultura das sociedades dentro das narrativas contadas de geração em geração, etc.

Tivemos a participação da diretora Rejane Carvalho e seu filho Wellington, filha e neto do poeta Reginaldo de Carvalho (Reginaldo das Capoeiras), que, sendo este um excelente contador de histórias, transmitiu algumas das suas hilárias histórias a seus

descendentes, dentre eles Rejane, que nos contou alguns desses “causos e anedotas”, conforme disse ela.

O encontro foi muito divertido. Pareceu um piquenique, em que lemos alguns contos, compartilhamos experiências, relatos e rimos bastante. Que bom seria que, durante as aulas, pudéssemos ter esse tipo de experiência. Ao final perguntei se eles tinham gostado e eles responderam que sim, o que me fez a repensar algumas práticas sobre como vinha desenvolvendo os encontros deste projeto, ficando bastante satisfeito.

Espero que o próximo encontro não demore tanto quanto este.

Anexo 02 – Diário de aula do professor: 10 de junho de 2013

Neste encontro pude fazer uma experiência interessante: Resolvi ser o exemplo real e vivo para a explicação da ideia que queria discutir com os alunos.

O tema do encontro era “A personagem”. Indo ao encontro com uma farda militar, pude causar grande curiosidade nos alunos, os quais prestaram atenção a cada palavra que falei. Cada ponto, cada aspecto e/ou característica acerca da personagem foi ouvido atenciosamente, inclusive pelas duas visitas que tivemos (a Vice-diretora; e uma professora de Biologia), que pediram para assistir a aula, avisando que seria uma ação a ser colocada no P.P.P (Projeto Político Pedagógico) da escola.

Em meio a explicação, pude, enfim, dissertar acerca do papel que a roupa tem na sociedade. A vestimenta, desde muito, não servia mais apenas para nos proteger do calor ou frio, ela tem, em várias sociedades, um valor simbólico. Dependendo do tipo e do contexto de uso, elas dão ao usuário determinados status. Fardas, batinas, mantos, ternos, biquínis, e todos os infinitos exemplos de indumentas, funcionam como símbolos sociais. Assim sendo, o que causou estranhamento nos meus alunos não fora a farda, mas o fato de o professor deles estar usando-a, quando este não é militar e está ocupando uma função diferente da que geralmente ocupa um agente fardado. Se um policial entrasse na escola fardado, não causaria estranhamento. Porém, um professor de uniforme militar torna-se o centro das atenções. Essa atenção foi usada por mim para, além de

“Nossa professor!...”: a voz de personagens...

dar o conteúdo que me propunha a explicar, causar um efeito lúdico e provocar uma discussão acerca de valores e diferenças sociais, preconceito, funções e características de diferentes agentes que fazem parte de uma sociedade. Além disso, consegui alcançar meu objetivo inicial: dar uma aula sobre personagem.

Tendo em vista que todos nós somos personagens sociais, pude, a partir da experiência vivida, exemplificar melhor alguns elementos e características da personagem de ficção. Conceitos como o de “protagonista”, “antagonista” e “coadjuvante”, depois de toda a discussão feita, foram facilmente assimilados pelos presentes no encontro. Pelo que todos disseram, foi um encontro memorável. Mesmo o número de alunos ser pequeno, cada encontro tem sido muito proveitoso e estimulante.

Uma das alunas no final do encontro chegou para mim e disse: “nossa professor! Como a aula fica interessante e prazerosa quando o senhor se veste de acordo com o que o texto queria nos passar”, a partir disto concluí que o meu objetivo tinha sido realmente cumprido.

Submetido em: 05/05/2017

Aceito em: 18/07/17

Title: ‘Wow, teacher!...’: characters’ voices echoing from an in-training teacher’s reflective diaries